



POSSE DE BOLA (E DE DIREITOS)

EM BUSCA DE IGUALDADE, ELAS TÊM LUTADO PELA ASCENSÃO DO FUTEBOL FEMININO; MAS AINDA HÁ MUITO JOGO PARA ROLAR

Cresci ouvindo que esporte não era para mulher, que futebol era coisa de menino. Justo eu, que adorava jogar bola com os meus primos, e jogava bem. Hoje, ensino minha filha de um ano a dar os primeiros chutinhos. Acho lindo! E não é exagero, basta ver que o futebol feminino foi proibido por lei no Brasil até 1979, ou seja, minha mãe não sonharia em me dar uma bola de futebol na infância.

Muita coisa mudou de lá para cá. As

mulheres puderam não só manifestar o gosto pelo esporte como fazer parte de praticamente todas as modalidades - a única em que não existe participante do sexo feminino nas Olimpíadas é a luta greco-romana. A projeção do COI (Comitê Olímpico Internacional) para os Jogos Olímpicos de Tóquio neste ano é de que 48,6% do total de atletas serão de mulheres.

Modalidades como vôlei de praia e de quadra, ginástica olímpica, natação e até mesmo vela deslançaram com representantes mulheres, tornando-se muito popu-

lares entre elas. Já o futebol feminino permaneceu durante muito tempo estagnado, no limbo midiático, mesmo tendo a melhor jogadora do mundo na nossa seleção.

O preconceito nessa modalidade sempre existiu e, claro, inibia muitas meninas de irem para o jogo, literalmente. A boa notícia é que esse cenário vem se transformando. Um movimento de apropriação do esporte mais popular do Brasil pelas mulheres vem acontecendo. É nítido que algo está mudando, e para melhor!

Evidentemente ter uma jogadora eleita